

## Escrevendo em tempos de internet (Entrevista com Luís Augusto Fischer)

Fonte: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=entrevistas/docs/escrevendoemtemposdeinternet>

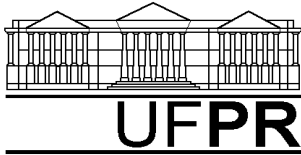
Luís Augusto Fischer é professor de Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e autor de diversos livros, entre eles o Dicionário de Porto-Alegres e o Dicionário de Palavras e Expressões Estrangeiras. Nesta entrevista ele fala sobre o que muda na escrita com o avanço da internet e o papel da escola neste cenário de mudanças.

### **A linguagem da internet prejudica a escrita?**

A internet possui uma espécie de código escrito com muitas alterações com relação ao código culto de Português brasileiro. Na escrita, o que se tem de fenômeno observável é que, ao escrever no teclado, o pessoal começou a usar muitas abreviaturas e até alguns símbolos que não são convencionais. Na questão da abreviatura, a pessoa reduz a quantidade de letras que digita, em função da velocidade. Outro viés é o de brincar de arremedar a fala, adotando na escrita algumas manhas que são típicas da fala. É uma forma de tornar o texto mais expressivo, brincalhão, informal e familiar. É importante dizer que isto não é uma exclusividade da Língua Portuguesa; em outros países também ocorre. Não dá para fazer um grande barulho em torno disto e achar que nós estamos no fim do mundo. Trata-se de um contexto novo. Antes da internet, o contexto de escrita era a folha impressa ou a folha manuscrita. Para os alunos, era a redação que se entregava para o professor ou o livro que ele consultava. Ou seja, a forma escrita da linguagem tinha uma estabilidade muito grande, que era dada pelo próprio meio físico através do qual o texto vinha apresentado. O livro impresso até hoje tem uma nobreza, uma idéia de permanência, de que vai sobreviver às gerações. Existe aí uma idéia de estabilidade associada com a ortografia mais formal. A novidade do meio expressivo que é a internet proporcionou esta alteração no modo de escrita.

### **Esta forma de escrever não vai atrapalhar o aluno no futuro?**

Alguns se assustam com essa modificação na escrita, porque imaginam que as manhas de linguagem da internet acabarão passando para o meio impresso. Há um temor dos professores de que, se o pessoal se acostumar a escrever muito com palavras abreviadas ou de maneira expressiva (escrever *naum*, em vez de não, por exemplo), pode ser que esta forma de escrever “contamine” a escrita formal da escola. Eu penso, no entanto, que isto não tem uma relação de causa e consequência imediata. Vamos fazer uma analogia. Todo mundo maneja vários registros de fala, instintivamente. Aprendemos na convivência que podemos chamar alguém de tu, de você ou de senhor. Descobrimos que estas são formas de tratamento usadas em diferentes contextos. Para saber isto nem é preciso ensinar muito. A partir dos quatro anos de idade todo indivíduo é um adulto lingüístico; pode não ter um vasto vocabulário na cabeça, mas já conhece muitas regras. Sabe que pode usar uma concordância mais frouxa com os amigos e uma concordância mais rigorosa com os adultos. Na fala, podemos usar mais de um código. Então na escrita também. Não vejo problema que crianças e jovens aprendam que há um código para as situações formais de comunicação (na escola, no vestibular ou para pedir emprego) e outro para a comunicação imediata, instantânea, *on-line*, que eles fazem no *messenger* ou no e-mail. Pode ser que alguma pessoa tenha maior dificuldade, mas não vejo isso como um fenômeno geral.



### **Pode acontecer de alguma “gíria” da internet virar oficial, na escrita culta?**

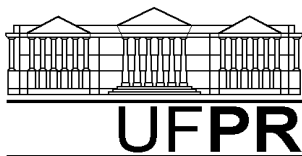
É uma hipótese remota, que não sei se é muito verossímil nessa altura do campeonato. Se olharmos com “lente larga” na história, situações semelhantes já aconteceram. O tratamento você, por exemplo, não existia, pois era muito informal. No século 18, escrevia-se *vossa mercê*, que acabou se convertendo em você. Hoje, *vossa mercê* é uma forma arcaica. A diferença é que atualmente existe muito material publicado e, portanto, a língua escrita tem uma resistência maior à mudança; diferente de 100 anos atrás. Quando havia menos coisas publicadas, as inovações eram aceitas mais facilmente. Não sei se vai ocorrer de passarmos a escrever *hj* como hoje. É mais provável que fique como uma brincadeira, como um código privado.

### **Afirma-se que a juventude está escrevendo mais por causa da internet e que isto pode favorecer a aprendizagem da forma culta de escrever. É correto dizer isso?**

É só lembrar de 15 anos atrás, por exemplo, quando a internet não tinha começado. Quantas cartas cada um de nós era capaz de escrever por mês ou por ano? Mesmo quem escrevia cartas escrevia umas 20 por ano. Hoje em dia se escreve uma quantidade enorme de e-mails por dia, sem contar com o *messenger*. É claro que não são cartas formais, mas certamente é um desenvolvimento enorme da escrita. Não é uma escrita tão exigente, tão regulada, mas o fato de ser massivamente praticada envolve uma idéia de aprendizado. Hoje em dia, dar aula de redação na escola, por exemplo, envolve necessariamente falar tanto sobre a questão da diferença do código culto em relação ao código mais informal (*internetês*), quanto às novas situações de comunicação que a internet proporciona. Atualmente, quem domina um pouco o inglês está no mundo, uma coisa inimaginável 15 anos atrás. Havia muita dificuldade para se fazer pesquisa. Hoje, em poucos minutos, conseguimos resolver nossas questões.

### **Como a nossa língua culta está sendo passada de geração para geração, nas escolas?**

A língua culta no Brasil tem uma maleabilidade bem interessante, diferente da língua culta de Portugal. Toda língua escrita é diferente da língua falada, em qualquer lugar do mundo. A Língua Francesa é um exemplo: sua escrita parou no século 17, mas a língua falada continua mudando até hoje, pois não tem como não mudar. Mas o Português brasileiro é bastante flexível. Há algumas restrições que são da lógica interna da língua e que são problemas, como as pessoas do discurso: eu, tu, ele, nós, vós, eles. Na prática, não temos o *vós* há muito tempo. O *nós* também está morrendo. Virou *a gente*, flexionado com a segunda do singular. O *tu* já não se flexiona canonicamente. Na língua falada temos praticamente três formas de verbos: eu vou, tu vai (ou você vai, a gente vai, ele vai...) e eles vão. Sou a favor de dizer para os alunos que existe a forma *vós*, a forma *tu*, e mostrar que são recursos da língua. Mas não se pode esperar que os alunos, por causa disso, passem a dizer *tu vais*. Há certas formas de falar que o tempo vai engolindo. *O cujo*, por exemplo, pouca gente ainda usa. Do ponto de vista pedagógico é sempre importante mostrar o que existe e como funciona. E, naturalmente, esperar que o desenvolvimento da cultura letrada formal alcance essas coisas.



### **Se a internet e os estrangeirismos não são tão problemáticos para a escrita, o que é?**

A coisa mais problemática no Brasil, na verdade, é a falta de escolas. Gregory Guy é um professor norte-americano de lingüística que vem muito ao Brasil para estudar nossa língua. Uma vez fiz uma entrevista com ele e perguntei quais eram suas impressões do Português. Ele disse o seguinte: “Nunca tive dificuldade nenhuma de me comunicar, em nenhuma parte do Brasil. Nunca senti a diferença regional como sendo uma barreira para a comunicação. O que senti foi a diferença de classes. Quando eu conversava com um professor no Sul, em Roraima ou na Bahia, tinha alguma palavra diferente, mas eu entendia. No entanto quando eu falava com o porteiro, ele falava uma língua que eu não entendia, era outro Português”. Neste caso, existe um problema sócio-lingüístico muito relevante, que a médio prazo talvez seja um problema complicado até para a escola. Temos um universo de pessoas fora da escola, com pouca escolaridade ou sem leitura, que realmente vivem um Português diferente desse que estamos usando. É diferente não porque tenham um vocabulário mais pobre, mas porque estruturalmente ele começa a ser diferente. Por exemplo, do ponto de vista lingüístico, não há problema alguém dizer nós vai porque ela se faz compreender. Mas nós sabemos que aí há um problema de concordância, que o correto deveria ser nós vamos. Tem-se um grande patamar da comunicação real brasileira que está funcionando com um Português ultra-simplificado.

### **Diante disso, qual o papel da escola?**

Não sou a favor de que a escola simplesmente abandone o Português culto em favor desse Português simplificado. O compromisso da escola é mostrar o Português culto na sua maior extensão possível. A questão é saber mediar pedagógica e politicamente entre o Português culto e a língua cotidiana que usam. É preciso ter habilidade de dizer à pessoa que as relações de poder acontecem em Português culto. Se ela optar somente pela língua simplificada, não conseguirá sair do lugar. Isso, para a escola, é difícil de manejar. Alguns professores me dizem, meio desencantados, que o máximo que conseguem é fazer com que os alunos que são adolescentes de periferia escrevam letra de *rap*. Na escola ideal, seria o caso de aceitar esse texto, mas dizer ao autor que é uma variante muito simples da Língua Portuguesa, e que existem outras formas mais complexas que exprimem melhor as sutilezas e matizes do pensamento. Quem faz *rap* tem todo o direito de fazer isso, mas também deveria ter direito de conhecer Drummond, João Cabral de Melo Neto e Machado de Assis.

Data da entrevista: agosto de 2007.